

## RELIGIÃO, SEXUALIDADE E ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS NO FILME “ORAÇÕES PARA BOBBY”

*Keven Wiliam Silva Rodrigues  
Ana Carolina Rimoldi de Lima*

**RESUMO:** O objetivo desse artigo é realizar uma análise teórica do filme “Orações para Bobby”, visando verificar se as crenças e comportamentos religiosos da família do personagem Bobby podem ter contribuído para o desenvolvimento de Esquemas Iniciais Desadaptativos no personagem e para seu subsequente suicídio. Através da construção de um referencial teórico que levou em consideração a homossexualidade, religião e os Esquemas Iniciais Desadaptativos no qual os parâmetros desses tópicos foram descritos e de uma pesquisa documental com cunho qualitativo, tendo a obra cinematográfica “Orações para Bobby” como objeto de análise. A partir da análise de relatos expressados por Bobby e sua família, identificou-se indícios de Esquemas Iniciais Desadaptativos de Defectividade/Vergonha no personagem, o que pode ser ilustrado quando o mesmo relata sentir vergonha de ser gay e também quando revela se sentir indigno do amor de Deus e de sua família. Verificou-se que o ambiente familiar e a forma como a família de Bobby, principalmente sua mãe, lidou com o fato do filho ser homossexual foram variáveis ambientais aversivas que poderiam estar relacionadas ao desenvolvimento do esquema encontrado no jovem e seu posterior suicídio. Com isso, pode-se perceber que, tanto o esquema de Defectividade/Vergonha presente em Bobby como as vivências ambientais aversivas às quais ele foi acometido influenciaram diretamente em seu suicídio.

**Palavras chave:** Esquemas. Homossexualidade. Religião.

### 1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa teve o intuito de realizar uma análise do filme “Orações para Bobby”, buscando identificar possíveis Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) no personagem principal (Bobby), assim como relacionar as intensas e contínuas vivências aversivas do personagem com sua família e religião ao desenvolvimento de tais EIDs.

Os esquemas consistem em estruturas de representação mental a respeito de informações genéricas armazenadas sobre estímulos, ideias ou experiências que agem no processo de organização de novas informações de um modo que traga significado ao indivíduo. Partindo de suas representações, os esquemas guiam a seleção, codificação, armazenamento e recuperação de informações, ou seja, eles atuam como uma espécie de filtro perceptivo que norteia a interpretação de novas informações (LIMA; LOPES; LOPES, 2015).

Os esquemas podem relacionar-se a diversos conteúdos, desde os mais simples, como esquemas relacionados ao modo de agir em determinados ambientes – os *scripts* – até os mais complexos, relativos a concepções que temos sobre nós mesmos – os esquemas de personalidade – os quais consistem num conjunto integrado de memórias, crenças e

generalizações sobre o *self*, são as informações sobre os aspectos da personalidade e de comportamentos que são importantes para o sujeito (LIMA; LOPES; LOPES, 2015)

Esses esquemas começam a se formar nas etapas iniciais da vida, evoluindo em complexidade conforme as experiências vivenciadas pelo indivíduo, e podem se sobrepor a experiências posteriores, mesmo estando distorcidos ou desadaptativos. Quando a formação destes esquemas relaciona-se a experiências nocivas de vida, o indivíduo pode apresentar uma visão distorcida de si, assim como emoções e comportamentos disfuncionais correspondentes. Neste caso, os esquemas de personalidade construídos são desadaptativos, prejudicando a adaptação do indivíduo ao seu ambiente. Jeffrey Young denominou estas estruturas de Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) (YOUNG, 2008).

Dessa maneira, diversos tipos de experiências vividas, dentre elas, a experiência religiosa, podem contribuir para a formação de EIDs. Participantes de alguns segmentos religiosos estão imbricados em uma cultura coletivista que prioriza a comunhão entre seus membros compartilhando ações e ideologias, de modo que essas pessoas podem vir a apresentar construções interdependentes do *self* que sejam determinadas pelos papéis e relacionamentos pessoais que são desenvolvidos dentro da comunidade, nesse caso, a religiosa.

Assim sendo, essa pesquisa traz como problema o questionamento: as crenças e comportamentos religiosos da família do personagem Bobby podem ter contribuído para o desenvolvimento de EIDs no personagem, assim como para o subsequente suicídio do mesmo?

Parte-se da hipótese de que, uma vez que a religião protestante é um sistema de valores e crenças que recrimina a homossexualidade, a vivência da homossexualidade nesta religião pode ter sido um estressor relevante que contribuiu, juntamente com outros estressores familiares e sociais, para a formação de EIDs no personagem e que o intenso sofrimento resultante da operação destes esquemas levou o personagem a cometer suicídio.

Dessa forma, essa pesquisa traz como objetivo geral identificar possíveis EIDs prevalentes no personagem principal do filme “Orações para Bobby”. Os objetivos específicos consistem em compreender como se dá a formação dos Esquemas Iniciais Desadaptativos; compreender os preceitos da religião protestante a respeito da homossexualidade; identificar as variáveis ambientais aversivas (estressores familiares e sociais) que possam ter contribuído para a formação de EIDs no personagem Bobby.

Este estudo justifica-se, pois, sendo este filme baseado em uma história verídica, pode-se ter uma amostra da relação entre as variáveis homossexualidade, EIDs e religião protestante, cuja análise pode indicar a necessidade de maiores conhecimentos e intervenções neste campo em prol da saúde e proteção de homossexuais. Além disso, esse estudo justifica-

se socialmente levando em conta que é importante que ocorra uma maior abertura para os estudos relacionados à homossexualidade considerando a variável religiosidade, permitindo esclarecimentos à população interessada.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Esquemas Iniciais Desadaptativos**

A noção de esquemas cognitivos ocupa um patamar central na terapia e nas teorias cognitivas. Podem-se definir esquemas como estruturas cognitivas organizadas em hierarquia e categorias, as quais formam um sistema de processamento de informações que molda como os estímulos externos e internos são recebidos e respondidos pelo indivíduo (LOPES; LOPES; LOBATO, 2006).

Os esquemas são importantes no entendimento e na organização do mundo pelo indivíduo, levando em conta o fato de que os esquemas são estruturas de cognição com significado, estes, por sua vez, colaboram para que os sujeitos fundamentem suas crenças e assim, possam entender e analisar organizadamente as questões que fazem parte de suas vidas. Considerando o grande número de estímulos simultâneos com os quais os seres humanos lidam constantemente, os esquemas representam formas econômicas de processamento de informações que criam “atalhos” mentais e modos padrão de interpretação e reação a tais estímulos, desde os mais simples aos mais complexos. Por mais que afetem as reações emocionais e o comportamento, os esquemas não necessariamente causam dificuldades no âmbito das emoções e do comportamento. Em contrapartida, os esquemas podem desempenhar um importante papel na manutenção das psicopatologias quando processos de interpretação e reações disfuncionais estão na base de sua formação (BECK; GREENBERG, 1989; PADESKY, 1994 *apud* PERES, 2008).

Esquema é uma rede estruturada e inter-relacionada de crenças que orientam o indivíduo em suas atitudes e posturas nos mais variados eventos de sua vida. Esquemas são, então, compreendidos como estruturas de cognição com significado. Outra definição, de acordo com essa, afirma: “Os esquemas, definidos como estruturas cognitivas que organizam e processam as informações que chegam ao indivíduo, são propostos como representações dos padrões de pensamento adquiridos no início do desenvolvimento do indivíduo”. (BECK, 1976 *apud* DUARTE; KRISTENSEN; NUNES, 2008)

Falando-se sobre o desenvolvimento precoce dos esquemas, pode-se caracterizar a ideia de que esses têm base biológica se relacionando com a base sensorial perceptiva do feto e à formação da memória. Os processos cognitivos têm seu desenvolvimento agravado a partir dos relacionamentos iniciais, criando modelos de trabalho sobre seus relacionamentos funcionando como mapas cognitivos que futuramente nortearão o sujeito no seu âmbito social. A memória emocional servirá de alicerce para os esquemas iniciais promovendo a definição de padrões comportamentais e cognitivos que formam a personalidade expressada através dos relacionamentos interpessoais do sujeito (SIEGEL, 1999 *apud* ARAÚJO; PICCOLOTO; WAINER, 2013).

Segundo Beck et al. (2010 *apud* ARAÚJO; PICCOLOTO; WAINER, 2013) os esquemas estão imbricados nas partes profundas do *self* habilitando um processamento dos dados da realidade, estruturando, assim, esquemas de todas as emoções, da realidade física, das coisas a respeito de nós mesmos e de tudo o que nos cerca. Geralmente os sujeitos não estão conscientes de seus esquemas e sua estrutura e somente têm acesso às manifestações comportamentais e cognitivas dos tais.

Os esquemas integram, assim, os eventos e atribuem significado a eles, possuindo qualidades estruturais adicionais como amplitude, flexibilidade/rigidez e densidade e graus de valência que repercutem no valor atribuído a determinado evento, promovendo a modificação da sua interpretação e a capacidade de organização da cognição. Isto é, são padrões ordenadores de experiência, que ajudam o sujeito a fazer uma mediação entre sua percepção e guiando a sua resposta (BECK et al., 2010; YOUNG; KLOSLO; WEISHAAR, 2008 *apud* ARAÚJO; PICCOLOTO; WAINER, 2013).

Conforme Bartlett (1995 *apud* LIMA; LOPES; LOPES, 2015), pelos esquemas os indivíduos reformulam e remodelam, de forma organizada, as informações provenientes de suas experiências. Dessa forma, as impressões sensoriais das experiências como ver, ouvir ou tocar objetos são conectadas com características particulares dos próprios indivíduos (esquemas) de modo que, seu sentido original é convertido ao sentido pessoal.

Apesar da formação de esquemas ser uma etapa natural e adaptativa do sistema de processamento de informações, pode haver distorções na construção destes esquemas, resultando em esquemas desadaptativos. No momento de modulação do processamento de informações, os esquemas desadaptativos não permitem que as pessoas notem ou questionem informações que entrem em contradição com as regras e as normas mantidas por eles. Por consequência ocorre uma distorção na seleção e codificação de informações e na interpretação

das experiências, causando no indivíduo uma predisposição a cometer diversos erros cognitivos (BECK, 1991, 1993, 2005, 2006; PADESKY, 1994 *apud* PERES, 2008).

Young (2008) criou uma teoria sobre os esquemas denominada Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs). Segundo essa teoria, os EIDs se referem a temas extremamente estáveis e duradouros que se desenvolvem durante a infância, são elaborados ao longo da vida e são disfuncionais em grau significativo. Segundo o autor, a maioria dos EIDs são crenças e sentimentos sobre si mesmo em relação ao ambiente, servindo como um modelo para processar experiência posterior.

Schmidt, Joiner, Young e Telch (1995 *apud* TEIXEIRA, 2010) tomando como base essa teoria, explicam que os esquemas propostos por Young constituem as estruturas centrais de formação de significado, que se auto-perpetuam, constituindo estruturas resistentes à mudança. Dessa forma, os esquemas desadaptativos são padrões emocionais e cognitivos de autoderrota com início precoce no desenvolvimento do indivíduo e, se não houver nenhuma intervenção, permanecem ao longo da vida. Sobre a origem dos EIDs pode-se citar as necessidades emocionais fundamentais, levando em conta aquelas que não foram satisfeitas na infância. Essas necessidades podem ser tidas como os vínculos seguros com outros indivíduos, autonomia, competência, sentimento de identidade, liberdade de expressão, necessidades e emoções válidas, espontaneidade, lazer, limites realistas e autocontrole. Além disso, experiências de vida nocivas também tem relevância na formação dos EIDs quando associadas a não satisfação de necessidades emocionais e ao temperamento emocional do indivíduo (YOUNG, 2008).

Em sua teoria Young propôs dezoito EIDs, agrupando-os em cinco domínios de esquemas, os quais são demonstrados na tabela I.

Conforme Young (2008), os esquemas do domínio de Desconexão e Rejeição representam uma incapacidade dos sujeitos em formar vínculos com segurança e de forma satisfatória com outras pessoas. Esses sujeitos têm a crença de que suas necessidades de estabilidade, segurança, cuidado, amor e pertencimento não serão contempladas. O esquema de Abandono/Instabilidade relaciona-se a uma percepção do indivíduo de que seu vínculo com indivíduos relevantes é instável, tem a sensação de que pessoas importantes em suas vidas não continuarão presentes porque elas seriam emocionalmente imprevisíveis, estariam presentes apenas de maneira errônea, morreriam ou deixariam o sujeito apenas por preferirem alguém melhor. Com respeito ao esquema de Desconfiança/Abuso pode-se caracterizar que o sujeito tem a convicção que quando qualquer pessoa tiver oportunidade, essa, irá usá-lo para fins egoístas. No esquema de Privação Emocional ocorre que o sujeito cria a expectativa de que seu

desejo de conexão emocional não será satisfeito de maneira adequada. Pode-se identificar três formas de privação emocional: a privação de cuidados, onde há ausência de afeto ou carinho; a privação de empatia, onde há ausência de escuta ou compreensão; a privação de proteção, onde há ausência de força ou orientação por parte dos outros. O esquema de Defectividade/Vergonha consiste no sentimento de que se é alguém falho, inferior, ruim e imprestável e que não se tem dignidade para receber amor de outras pessoas. Por sua vez, pode-se caracterizar o esquema de Isolamento Social/Alienação como um sentimento de ser diferente e uma crença de que é incapaz de se adaptar no mundo social fora do núcleo familiar.

Os esquemas do domínio de Autonomia e Desempenho Prejudicados, quando expressos nos sujeitos, têm como características expectativas sobre si mesmos e sobre o mundo que interferem na capacidade de se diferenciar das figuras paternas ou maternas retardando o processo de independência. Dessa forma, as pessoas com o esquema de Dependência/Incompetência possuem um sentimento de incapacidade de dar conta de suas responsabilidades do dia-a-dia sem a ajuda de terceiros. O esquema de Vulnerabilidade ao Dano consiste no medo exacerbado de que alguma catástrofe aconteça a qualquer hora e a pessoa sente que não será capaz de enfrentá-la. Esse medo concentra-se em alguns tipos de catástrofes nos campos da saúde, emoções e relacionadas ao meio externo como acidentes, crimes e catástrofes naturais. Já os indivíduos com o esquema de Emaranhamento/*Self* subdesenvolvido têm o costume de envolver-se apenas com uma ou mais pessoas importantes em sua vida, geralmente, os pais. Nesse esquema incluem-se sentimentos de sufocamento, sensação de estar fundido com o outro e falta de senso de identidade e orientação. Enquanto que o esquema de Fracasso pode ser caracterizado pela crença no fracasso inevitável em áreas de atividades da vida como estudos, esportes e trabalho assim como um senso de inadequação na realização dessas atividades em comparação a outras pessoas.

No domínio de Limites Prejudicados incluem-se esquemas relacionados ao não desenvolvimento de limites internos de maneira adequada a satisfazer as questões referentes à reciprocidade e autodisciplina, de modo que os indivíduos com esses esquemas apresentam dificuldade para respeitar os direitos de terceiros, cooperar, manter compromissos ou cumprir metas a longo prazo. No esquema de Arrogo/Grandiosidade o sujeito entende que é superior às outras pessoas, assim, considerando-se merecedor de direitos e privilégios especiais. Com respeito ao esquema de Autocontrole/Autodisciplina insuficientes, os indivíduos tendem a não ter capacidade ou não querer ter autocontrole e tolerância em relação ao alcance de objetivos pessoais.

#### **TABELA I - Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) e seus respectivos domínios**

<b>DOMINIOS DE ESQUEMAS</b>	<b>EIDs</b>
Desconexão e Rejeição (Necessidade de ter proteção, segurança, estabilidade, cuidado e aceitação).	1-Abandono/Instabilidade 2-Desconfiança/Abuso 3-Privação emocional 4-Defectividade/Vergonha 5-Isolamento social/ Alienação
Autonomia e Desempenho Prejudicados (Necessidade de autonomia, competência e sentido de identidade)	6-Dependência/Incompetência 7-Vulnerabilidade ao dano ou a doença 8-Emaranhamento/ <i>Self</i> subdesenvolvido 9-Fracasso
Limites Prejudicados (Necessidade de limites realistas e autocontrole)	10-Arrogo/ Grandiosidade 11-Autocontrole/Autodisciplina insuficientes
Direcionamento para o outro (Necessidade de liberdade de expressão de desejos, sentimentos e emoções, de maneira válida)	12-Subjugação 13-Auto Sacrifício 14-Busca de Aprovação e Reconhecimento
Supervigilância e Inibição (Necessidade de espontaneidade e lazer)	15-Negativismo/Pessimismo 16-Inibição Emocional 17-Padrões Inflexíveis/ Postura crítica exagerada 18-Postura Punitiva

Os indivíduos com esquemas no domínio Direcionamento para o Outro têm a característica de atender em excesso as necessidades dos outros em lugar das suas próprias necessidades. O esquema da Subjugação caracteriza-se por uma entrega em excesso de controle a outros indivíduos, pelo fato de se sentir coagido. Tem como função evitar a raiva, a retaliação e o abandono. As duas principais formas de subjugação são a subjugação de necessidades, onde há supressão das próprias preferências e desejos, e a subjugação de emoções, em especial a raiva. Sujeitos com o esquema de Auto-sacrifício cumprem as necessidades dos outros, com o reforço de sua própria gratificação, poupando o sofrimento desses, evitando culpa, ganhando autoestima ou mantendo relação com alguém que considera carente. Por fim, no esquema de Busca de Aprovação/Busca de Reconhecimento o sujeito tende a buscar constantemente

aprovação ou reconhecimento de terceiros, de modo que a autoestima desse sujeito depende das reações das outras pessoas frente aos seus comportamentos e ações.

Com relação ao domínio de Supervigilância e Inibição, este caracteriza-se por esquemas nos quais os indivíduos suprimem seus sentimentos esforçando-se para cumprir regras rígidas criadas por eles mesmos a respeito do seu próprio desempenho. A busca pelo autocontrole e a negação de si mesmo por estes indivíduos se sobrepõem às sensações de prazer e espontaneidade. Os indivíduos com esquemas de Negativismo/Pessimismo generalizam permanentemente o que é negativo na vida como a morte, perdas, decepções e traições e minimizam as questões positivas, ao passo que os indivíduos com esquemas de Inibição Emocional provocam um certo retardamento nas emoções como raiva, impulsos positivos, vulnerabilidade e racionalidade. O esquema de Padrões Inflexíveis/Postura crítica exagerada é a sensação que o sujeito tem que deve dispender um grande esforço para atingir respostas em elevados padrões internalizados, ao passo que o esquema de Postura Punitiva é caracterizado por sujeitos que tem a absoluta certeza de que devem ser punidos duramente por erros cometidos (YOUNG, 2008).

Ainda segundo Young (2008), a operação do EIDs no indivíduo gera intenso sofrimento e sentimentos de inadequação, de modo que o indivíduo tende a se engajar em alguma estratégia para minimizar este sofrimento. Porém, como são resultantes dos EIDs, estas estratégias consistem em enfrentamentos disfuncionais. As três estratégias ou estilos de enfrentamento dos esquemas são: hipercompensação, evitação e resignação.

Quando os indivíduos se engajam em estratégias de hipercompensação, eles lutam contra o esquema pensando, sentindo, comportando-se e relacionando-se como se o oposto do esquema fosse verdadeiro. Assim, ficam tentando ser pessoas diferentes das crianças que foram na formação do esquema, por exemplo, se quando crianças sentiam-se sem valor, na vida adulta tentam ser perfeitos, se foram subjugados, desafiam a todos e assim por diante. No processo de evitação como estilo de enfrentamento, os pacientes tendem a promover uma organização nas suas vidas na qual o esquema nunca seja ativado. Tentam extinguir a consciência da existência de tal esquema, bloqueiam pensamentos e imagens e, na possibilidade de surgimento desses, os indivíduos distraem-se ou repelem os esquemas. Na resignação, os pacientes aceitam e confirmam a existência do esquema, não lutam contra ele nem o repelem, aceitam o sofrimento emocional do esquema e agem de forma a afirmar sua existência, assim, ao longo da vida tendem a reviver as experiências de infância que influenciaram na criação do esquema (YOUNG, 2008).

Assim sendo, os esquemas são fundamentais na elaboração e interpretação do significado das experiências que o indivíduo vivencia. Através dos esquemas o indivíduo pode compreender e organizar suas experiências, dessa forma, ele pode se adaptar ao seu ambiente a partir do significado que atribui aos acontecimentos do seu cotidiano. Por conseguinte, os comportamentos que o indivíduo terá nas situações cotidianas relacionam-se mais a este viés interpretativo proporcionado pelos esquemas do que às situações em si mesmas, de modo que, uma vez estes esquemas estando disfuncionais, a adaptação do indivíduo ao seu ambiente será prejudicada em maior ou menor grau.

Considerando que os esquemas se desenvolvem a partir das experiências vivenciadas pelo indivíduo e da aprendizagem resultante de tais experiências, esquemas disfuncionais podem se desenvolver tanto precocemente quanto no decorrer da vida do indivíduo. Falando explicitamente dos EIDs, pode-se dizer que, quando esses esquemas estão ativados, eles impedem que os indivíduos emitam comportamentos funcionais, tanto por distorcerem a percepção da realidade, quanto dispararem reações emocionais disfuncionais e frequentemente intensas, contribuindo para formas de enfrentamento desadaptativas.

## 2.2 Homossexualidade

As identidades sexuais são construções sociais, históricas e culturais, que fazem referência às diferentes maneiras de expressar os prazeres e os desejos corporais. Entende-se a hetero, homo e bissexualidade como orientação ou comportamento sexual, expressões utilizadas nos estudos analisados quando se referem às identidades sexuais (LOURO, 2007).

Segundo Spencer (1999 *apud* PEREIRA, 2004) os termos “homossexualismo” e sexualismo estão diretamente entrelaçados na história das civilizações. O termo “homossexualismo”, porém, é relativamente recente, sendo tardiamente utilizado por volta do início do século XIX. De fato, a expressão apareceu pela primeira vez em inglês na década de 1890, usada por Charles Gilbert Chaddock, tradutor de *Psychopathia Sexualis*, de R. von Krafft-Eding. O termo teria aparecido, porém, originalmente em alemão no ano de 1869, num panfleto anônimo. Independente de quando e por quem foi primeiramente empregado, o fato é que “homossexualismo” foi a palavra criada para descrever o relacionamento sexual e afetivo entre pessoas do mesmo sexo.

A partir da segunda metade do século XX, o termo “homossexualismo” começa a ser substituído pelo termo “homossexualidade”. A substantivação do adjetivo “homossexual” com o sufixo “ismo” possui diversos significados. Segundo Ferreira (2004), no dicionário Aurélio

isso pode ser definido como conotação de “quadro mórbido” ou “quadro patológico”. Em contrapartida o sufixo “dade” é tido como referente a “o que é próprio de”, “estado” ou “modo de ser”. Dessa forma, a alteração do homossexualismo por homossexualidade mostra uma mudança de ênfase no comportamento enquanto desvio (condição patológica) para uma concepção mais essencialista (modo de ser).

No Brasil, durante o primeiro mandato do presidente Lula, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, no ano de 2004, lançou a cartilha “Politicamente Correto e Direitos Humanos”. Queiroz (2004) afirma nessa cartilha que algumas expressões deveriam ser substituídas, uma delas é o termo “homossexualismo” que deveria ser trocado por “homossexualidade. Conforme o autor,

o primeiro termo [homossexualidade] descreve essa condição de forma neutra, enquanto o segundo, [homossexualismo] equivocado, tem uma forte carga pejorativa ligada à crença de que a orientação homossexual seria uma doença, uma ideologia ou um movimento político que as pessoas aderem de maneira voluntária. (QUEIROZ, 2004, s. p)

Conforme Foucault (2007b *apud* MAGALHÃES; RIBEIRO, 2015), a homossexualidade surgiu como uma das figuras da sexualidade quando foi deslocada da prática da sodomia para uma espécie de hermafroditismo da alma. Já para Nucci e Russo (2009 *apud* MAGALHÃES; RIBEIRO, 2015), a ideia do “terceiro sexo”, desenvolvida na metade do século XIX, foi uma das primeiras teorias científicas sobre a homossexualidade, em que o homossexual era visto como possuidor de uma alma feminina em um corpo masculino.

Segundo Marmor (1980 *apud* MENEZES, 2005) é extremamente relevante que a homossexualidade seja definida, porém essa definição apenas pela prática sexual seria ignorar as diferenças existentes entre se sentir atraído por pessoas do mesmo sexo e se empenhar em comportamentos sexuais com indivíduos do mesmo sexo por outros quaisquer motivos. Dessa maneira, o autor define a homossexualidade como “quem é motivado na vida adulta por uma atração erótica preferencial definida por membros do mesmo sexo e quem geralmente se empenha em relações sexuais com eles” (MARMOR, 1980 *apud* MENEZES, 2005, pg. 107).

De acordo com Lacerda et al (2002 *apud* PEREIRA, 2004), a sexualidade é uma construção cultural. As práticas que ela representa são moldadas pelos padrões normativos estabelecidos em cada contexto histórico. Especificamente, práticas sexuais que são hoje consideradas antinormativas, no passado poderiam não o ser. Por exemplo, em algumas sociedades antigas, como no Egito Antigo, a prática de relações sexuais entre dois homens era permitida. Contudo, a sua aceitação deveria obedecer outras normas ou regras básicas: que os

homens que se relacionavam sexualmente com outros homens também casassem com mulheres e constituíssem família.

Nessa história de investigação do sujeito homossexual, Caponi (2007) aponta que duas modalidades diferentes destacaram-se na formulação das explicações biológicas de condutas consideradas “desviantes”. A primeira foi representada pelos higienistas e alienistas do início do século XX – que centravam as explicações na hereditariedade –, e a segunda, pela neurobiologia, genética e sociobiologia, que surgiram a partir das últimas décadas do século XX e têm suas formulações baseadas em explicações químicas e neurobiológicas, em uma procura de genes específicos, focando no cérebro, nos ferormônios e em entre outros aspectos da biologia dos indivíduos, que seriam a causa direta dos comportamentos denominados “desviantes”. Os saberes produzidos por essas modalidades de investigação apontam a homossexualidade como fora do campo das expressões ditas legítimas da sexualidade humana, tornando-a “desvio”, “anomalia”, “vício” e “doença”.

A representação da homossexualidade como algo clínico, e patológico surgiu no século XIX nas sociedades ocidentais. Foucault (2007b *apud* MAGALHÃES; RIBEIRO, 2015) argumenta que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se a partir do famoso artigo de Westphal, publicado em 1870, sobre as ‘sensações sexuais contrárias’. Nesse livro, a homossexualidade foi definida como um desvio sexual, possibilitando que os estudiosos da época e seus sucessores descobrissem o que na questão anatômica ou na história e contexto familiar do “doente” pode provocar sua “anomalia”. Dessa forma, a homossexualidade passou a ser combatida como doença, crime e vício, por um século (SOUSA FILHO, 2009).

Atualmente, a homossexualidade é um fenômeno relevante para o debate sobre a natureza da vida sexual em geral. A popularização do termo gay é exemplo de um fenômeno social que foi apropriado e transformado através do compromisso coletivo (Mazzeiro, 1998). Segundo Chauí (1995), foi a partir do século XIX que a análise da natureza da sexualidade deixou de ser um tema exclusivo dos teólogos, confessores, moralistas, juristas e artistas passando a ser o tema tratado como um problema clínico e de saúde. É na sua relação com a saúde que se encontra a base das concepções biológicas da homossexualidade. Anteriormente, o confessionário católico era o principal setting ideológico da religião. Foucault (1988) relatou que o confessionário católico foi sempre um meio de controle da vida sexual dos fiéis, cujo pecado mais visado era exatamente o pecado sexual. Nesse caso, a natureza da homossexualidade para os religiosos seria o seu caráter pecaminoso. Segundo Chauí (1995) “o interessante nessa longa discussão que atravessou séculos é que nela a repressão da sexualidade se realizou através do controle minucioso do ato sexual” (p. 99). Embora

ainda considerada no senso comum como uma doença psíquica que pode e deve ser curada (Lacerda e cols., 2002), a homossexualidade não é mais diagnosticada como uma patologia pela psiquiatria clínica. Realmente, desde 1974 a Associação Psiquiátrica Americana deixou de considerá-la como uma perturbação mental (Barchifontaine, 1999). Essa tendência foi reafirmada recentemente pela Associação dos Psicólogos Americanos e pelo Conselho Federal de Psicologia (PEREIRA, 2004, pg. 57).

Foi somente em 1973 que a Associação dos Psiquiatras Americanos (APA) deixou de considerar a homossexualidade como problema mental e a retirou da lista das doenças mentais. No entanto, apenas em 1991, a Organização Mundial da Saúde excluiu a homossexualidade da lista de doenças. No Brasil, em 1985, o Conselho Federal de Medicina passou a não mais considerar a homossexualidade doença. Contudo, o Conselho Federal de Psicologia e outras entidades da área não se haviam manifestado com relação a esse assunto quando, em 1999, com a resolução 001, foram estabelecidas normas aos psicólogos quanto à atuação com relação às “orientações sexuais”, não sendo mais permitida a colocação da homossexualidade como doença ou distúrbio. A partir daí esses profissionais não poderiam trabalhar com propostas de seu tratamento e cura (MAGALHÃES; RIBEIRO, 2015).

### **2.2.1 A Posição do Conselho Federal de Psicologia (CFP) a respeito da Homossexualidade**

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) tem normas de atuação estabelecidas para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Estas normas levam em consideração que, independentemente da área em que o profissional psicólogo atue, este profissional frequentemente estará envolvido com fatores ligados à sexualidade e que este é um aspecto de identidade pessoal, devendo, por isso, ser compreendido na sua totalidade. Outro aspecto relevante neste tema é o fato de que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão, não obstante, há na sociedade uma inquietação em torno de práticas sexuais consideradas desviantes da norma estabelecida socioculturalmente. Dessa forma, a Psicologia pode e deve atuar com seu conhecimento no sentido de prestar esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações. Essas normativas são estabelecidas pela Resolução do CFP N° 001/99 de 22 de março de 1999, a qual resolve que:

Art. 1º - Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade.

Art. 2º - Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.

Art. 3º - Os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades.

Art. 4º - Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica.

Art. 5º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º - Revogam-se todas as disposições em contrário (CFP, 1999, s.p.).

Dessa forma, pode-se observar que a ação dos psicólogos com relação aos homossexuais deve ser compreensiva, protetora e de plena aceitação, visando, sobretudo, agir não apenas em uma micro-esfera diretamente com homossexuais, garantindo seus direitos de atenção psicossocial e promoção da saúde psicológica, mas também e principalmente em uma macro-esfera, ao promover a conscientização e esclarecimento geral da população a respeito da não patologização da homossexualidade e não discriminação dos homossexuais.

### **2.3 Religião Protestante**

A religião pode ser definida como um sistema de crenças e práticas que passa por uma legitimação através dos diversos símbolos que asseguram sua continuidade nos indivíduos, no grupo social e na coletividade, assim também, exige devoção dos fiéis e compromisso emocional dos mesmos, além de formular e reforçar princípios e valores éticos, cujos fundamentos são justificados no nível do sagrado, porque se encontram em um “espaço extra-mundo”, concretizados através dos seus livros sagrados e das doutrinas apregoadas (SILVA, 2008).

Segundo Leguizamón (2012) o termo “protestante” tem como origem um protesto formal realizado em 1529 por um pequeno grupo de príncipes alemães criticando a disposição

imperial que os impedia de decidir de maneira autônoma a religião que seria praticada no seu território, dando expansão ao movimento religioso inspirado nas ideias de Lutero.

Os pontos fundamentais do protestantismo podem se resumir na sua escritura, na fé, na graça e em Cristo. Afirmar-se que não há hierarquia entre os crentes, uma vez que nada, exceto Cristo, pode fazer uma mediação entre Deus e os homens, assim apregoando questões como a de que o celibato não é uma condição de santidade, que a comunhão tem um significado simbólico, que a salvação não vem pelas boas obras e sim pela fé, que a vontade de Deus se revela aos crentes através das escrituras sagradas, a Bíblia, esta que deve ser reconhecida como suprema autoridade (LEGUIZAMÓN, 2012).

Segundo Berger (1973 *apud* LEGUIZAMÓN, 2012) o protestantismo se desfaz dos três elementos mais antigos e poderosos: o mistério, o milagre e a magia. Assim, o crente deixa de viver em um mundo habitado por seres e forças sagradas e a realidade se fundamenta em uma divindade radicalmente transcendente e uma humanidade desprovida de qualidades sagradas.

A religião protestante tem algumas vertentes que a separa em denominações, dentre elas, a igreja pentecostal que se refere a um segmento no interior do subcampo protestante que prega a conversão, o batismo no Espírito Santo e a aceitação das determinações de Jesus Cristo, assim fazendo a adoção de uma ética comportamental que prega discrição no vestir e no agir, porém, não leva ao afastamento total das questões e situações relacionadas ao mundo material e carnal (SILVA; LANZA, 2009).

As possíveis causas do sucesso do movimento pentecostal entre diferentes grupos sociais encontram-se na consolidação de uma sociedade urbano-industrial, que redefiniu as estratégias produtivas, remodelou as instituições sociais, transformou as relações sociais e prometeu projetar o indivíduo para a cena principal, ou seja, seria ele quem elaboraria seu modo de ser, pensar e agir independente das tradições familiares, religiosas ou de uma hierarquia institucional. Segundo essa perspectiva teológica, não combater o mal, isto é, o demônio, representa a vitória do caos e da desordem na vida pessoal, trazendo doenças, desemprego, brigas e separações, bem como caos e desordem no grupo social. Portanto, converter-se e receber o batismo do Espírito Santo significa a possibilidade de resistir e fortalecer-se perante as agruras da vida cotidiana, por meio dos princípios morais e religiosos. “O toque de Deus” revela que mesmo os mais desprezados pela sociedade são dignos de se tornarem a morada divina (SILVA; LANZA, 2009).

O impacto da teologia pentecostal no interior das religiões tradicionais e da sociedade de modo geral, vem ao encontro da necessidade de justificar e reforçar atitudes e ações como a competição e concepções que exaltam a tecnologia, o individualismo e o consumo como

alternativa para alcançar a felicidade e a paz. Assim sendo, a religião por sua vez veio no sentido de hierarquizar a fé, dando nomes, títulos a pessoas que poderiam estar mais “próximas” de Deus. Na verdade, essas ideias e ideais são frutos da modernidade e do desenvolvimento capitalista, processo que se iniciou no século XVIII e promoveu profundas mudanças nas relações sociais, políticas e econômicas em decorrência de uma nova forma de produzir, reproduzir e comercializar os bens materiais (SILVA; LANZA, 2009).

### **2.3.1 Doutrina da Religião Protestante e a Homossexualidade**

A homossexualidade tem sido objeto de controvérsias e debates que provocam fortes reações emocionais entre os cristãos, sejam católicos ou protestantes. As religiões passaram gradativamente a se tornar os fundamentos da lei e da teoria sexual de nosso tempo e uma das particularidades do pensamento da igreja antiga era que a moralidade estava identificada com a conduta sexual. A tradição sexual criou fortes tabus, que têm influenciado a cultura ocidental notadamente no fato do cristianismo ter constituído não apenas códigos sobre as condutas sexuais, mas, também sobre os princípios norteadores de outras áreas morais, tais como: justiça, adultério, distribuição de riqueza entre outros temas. Portanto, percebe-se que as diversas formas de percepção da homossexualidade apresentam alguma relação com as concepções sobre a natureza da sexualidade criada na tradição judaico-cristã (SPENCER, 1999 *apud* PEREIRA, 2004).

Ao analisar a homossexualidade sob a perspectiva das religiões evangélicas no Brasil, mostra-se necessário identificar as diferentes vertentes dessa religião, as quais podem ser caracterizadas basicamente em protestantismo histórico, protestantismo pentecostal e neopentecostal. A concepção de homossexualidade sustentada pelas igrejas evangélicas tradicionais gira em torno do pecado e são utilizadas explicações que buscam ser racionais e lógicas, a partir da teologia. A gênese da homossexualidade estaria atrelada a problemas psíquicos, devido à não aceitação da sexualidade biológica, entendida como dada por Deus e natural. Tais conflitos resultariam em angústias e infelicidade para o indivíduo. A segunda vertente, composta por igrejas pentecostais e neopentecostais, teve sua origem nos Estados Unidos da América, no começo do século XX e se distancia do pensamento dos protestantes históricos no Brasil, principalmente porque “são expressões religiosas populares, no sentido de possuírem um discurso religioso mágico, pouco racional e incorporador de uma cosmologia

que envolve, subordinando-as, as ‘divindades’ dos cultos afro-brasileiros. Em decorrência deste fato, tendem a demonizar a homossexualidade em si.” (PEREIRA; SANTOS, 2009 p. 4).

Dessa forma, a homossexualidade passa a ser vista como pecado e a pessoa homossexual como possuída ou influenciada pelo demônio, logo, a salvação estaria na conversão à religião, concebida como libertadora. Neste contexto, vale salientar que a presença de evangélicos pentecostais e neopentecostais na política e nas instâncias governamentais é cada vez maior e se processa como estratégia de disseminação dos valores da religião na arena governamental, em contraponto à perspectiva de laicidade do Estado (MESQUITA; PERUCCHI, 2016).

Dentre os três posicionamentos, o mais presente e disseminado é o primeiro, segundo o qual a homossexualidade estaria em um nível inferior na hierarquia das sexualidades, o que justificaria o uso de dispositivos religiosos regulatórios e corretivos com os/as homossexuais. Esta postura é justificada muitas vezes por trechos da Bíblia, interpretados de forma literal pelos religiosos, de modo que não são consideradas à época histórica e a cultura em que os textos foram escritos originalmente. Dessa maneira, tanto o Antigo, quanto o Novo Testamento são reiterados para justificar a condenação aos homossexuais pelas igrejas. Trechos dos livros de Gênesis, Levítico e Coríntios são os mais citados, sendo que as narrativas de Sodoma e Gomorra e as cartas paulinas recebem destaque (MESQUITA; PERUCCHI, 2016).

De modo geral, as posturas das igrejas cristãs no Brasil em relação às uniões homoafetivas podem ser classificadas em três tipos: a rejeição à homossexualidade, concebendo-a como pecaminosa e antinatural. Assim, há o acolhimento dos/as homossexuais pela igreja, desde que eles/as reconheçam que precisam mudar seu comportamento. Outro tipo de postura encontrada no meio cristão é aquela que aceita a conduta homossexual, embora a considere inferior à heterossexual. Existem ainda os defensores da ideia de que a homossexualidade tem o mesmo nível de dignidade que a heterossexualidade (JURKEWICZ, 2005).

Segundo Rollet (2001 *apud* PEREIRA, 2004) a interpretação bíblica sofreu durante os tempos várias mudanças nas suas formas de análises, o que pode ter aberto espaço para diferentes interpretações sobre qual seria a vontade de Deus nas Escrituras. Em consequência, isso pode ter resultado em percepções diferenciadas entre católicos protestantes de algumas passagens bíblicas. Relativamente a essas diferenças, há um debate sobre se elas são as raízes ou as consequências de rupturas políticas, afinal as reformas (Calvinista, Luterana e Anglicana) foram, antes de tudo, movimentos políticos e não só religiosos. Assim, novas interpretações da Bíblia estão relacionadas fortemente com posições políticas. As bases das diferenças nas

análises podem estar relacionadas às influências de acontecimentos políticos e sociais, pois os textos bíblicos não são simples documentos para investigação da história.

Segundo Pereira (2004), no que tange à interpretação bíblica a respeito da homossexualidade, vários autores e estudiosos apresentam interpretações diferentes e essas podem ser exemplificadas a partir da perspectiva de que as crenças religiosas instituídas pela tradição judaico-cristã podem ser um dos fatores que mais influenciam a percepção que hoje se tem sobre a natureza da homossexualidade. Essa percepção se relaciona ao fato da homossexualidade ser explicitamente condenada nas Escrituras Sagradas. Embora as Escrituras Sagradas não contenham a expressão homossexualidade, pois este termo só foi adotado posteriormente no século XIX, essas Escrituras condenam a prática sexual que o termo homossexual representa: relações sexuais entre indivíduos do mesmo sexo. O Catecismo da Igreja Católica acrescenta que a homossexualidade refere-se a relações entre homens e mulheres que sentem atrações sexuais, exclusivas ou predominantes, por pessoas do mesmo sexo.

Com vistas a ilustrar tais doutrinas, selecionou-se 9 passagens bíblicas evocadas pelos religiosos para condenarem os homossexuais. Essas passagens se referem direta ou indiretamente a homossexualidade, sendo cinco no Velho Testamento (ver Tabela II) e quatro no Novo Testamento (ver Tabela III). Uma análise global do conteúdo dessas passagens revela que, em todas, a homossexualidade é associada a algo negativo (Collins, 1999).

A tabela II apresenta quatro campos: Livro, que determina em qual livro, capítulo e versículo se encontra a passagem; Argumento, que representa a resposta do porquê de a passagem estar sendo citada, podendo ser por interpretação, dedução ou de maneira explícita; Condenação, isto é, se existe ou não na passagem a condenação do pecado da homossexualidade; Passagens bíblicas, a qual apresenta a passagem assim como está na Bíblia.

Com base nas tabelas II e III pode-se observar que a Bíblia traz diversas passagens que condenam direta ou indiretamente a homossexualidade. É fato que este termo nem mesmo existia naquela época, mas é simples perceber a alusão feita a homossexualidade ao uso dos termos “afeminados”, “homem como homem é abominação”, dentre outros. Contudo, muitos dos trechos citados fazem referência à homossexualidade apenas a partir da interpretação de seus adeptos, de modo que os mesmos trechos poderiam ter interpretações diferentes considerando-se o contexto e a cultura da época. Dessa forma, a Bíblia, por ser o princípio básico da religião protestante e por ser considerada um livro de revelação divina, não tende a ter suas interpretações questionadas, mas sim consubstanciadas, o que permite entender a presença do discurso contra a homossexualidade nesta religião, trazendo-a como prática perversa e abominável e condenando seus praticantes.

**Tabela II - Interpretações das passagens bíblicas do Velho Testamento relativas à homossexualidade**

<b>Livro</b>	<b>Argumento</b>	<b>Condenação</b>	<b>Passagens Bíblicas</b>
Gênesis 1: 27-28	Interpretativo	Ausente	“E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra.”
Gênesis 2:18-24	Interpretativo	Ausente	“E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele. (...) Então, o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, portanto do homem foi tomada. Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne.”
Gênesis 19:1-8	Dedutivo	Direta	“E vieram os dois anjos a Sodoma à tarde, e estava Ló assentado à porta de Sodoma; e vendo-os Ló, levantou-se ao seu encontro e inclinou-se com o rosto à terra; E disse: Eis agora, meus senhores, entrai, peço-vos, em casa de vosso servo, e passai nela a noite, e lavaí os vossos pés; e de madrugada vos levantareis e ireis vosso caminho. E eles disseram: Não, antes na rua passaremos a noite. E porfiou com eles muito, e vieram com ele, e entraram em sua casa; e fez-lhes banquete, e cozeu bolos sem levedura, e comeram. E antes que se deitassem, cercaram a casa, os homens daquela cidade, os homens de Sodoma, desde o moço até ao velho; todo o povo de todos os bairros. E chamaram a Ló, e disseram-lhe: Onde estão os homens que a ti vieram nesta noite? Traze-os fora a nós, para que os conheçamos. Então saiu Ló a eles à porta, e fechou a porta atrás de si, E disse: Meus irmãos, rogo-vos que não façais mal; Eis aqui, duas filhas tenho, que ainda não conheceram homens; fora vo-las trarei, e fareis delas como bom for aos vossos olhos; somente nada façais a estes homens, porque por isso vieram à sombra do meu telhado”.
Levítico 18:22	Explícita	Direta	“Com o homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é”.
Levítico 20:13	Explícita	Direta	“Quando também um homem se deitar com outro homem, como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue será sobre eles”.

A tabela III apresenta os mesmos campos que a tabela II, mas refere-se a versículos encontrados no novo testamento e que fazem alusão, direta ou indireta, à homossexualidade e à possível condenação desta prática.

**Tabela III - Interpretações das passagens bíblicas do Novo Testamento relativas à homossexualidade**

<b>Livro</b>	<b>Argumento</b>	<b>Condenação</b>	<b>Passagens Bíblicas</b>
--------------	------------------	-------------------	---------------------------

Romanos 1:26-28	Explícito	Ausente	“Por isso também Deus os entregou as concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si; Pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém. Por isso Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros; homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro. E, como eles não se importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convém...”
I Coríntios 6:9-10	Explícito	Direta	“Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus”.
I Timóteo 1: 9-10	Dedutivo	Ausente	“Sabendo isto, que a lei não é feita para o justo, mas para os injustos e obstinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreligiosos, para os parricidas e matricidas, para os homicidas, para os devassos, para os sadomas, para os roubadores de homens, para os mentirosos, para os perjuros, e para o que for contrário à sã doutrina...”
Judas 1: 7-10	Dedutiva	Direta	“Assim como Sodoma e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se entregue à fornicção como aqueles, e ido após outra carne, foram postas por exemplo, sofrendo a pena do fogo eterno. E, contudo, também estes, semelhantemente adormecidos, contaminam a sua carne, e rejeitam a dominação, e vituperam as dignidades. Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo, e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: O Senhor te repreenda. Estes, porém, dizem mal do que não sabem; e, naquilo que naturalmente conhecem, como animais irracionais se corrompem”.

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1 Tipo de estudo

Este estudo caracterizou-se como uma pesquisa documental. Segundo Gil (2002), a pesquisa documental é caracterizada pelo uso de materiais que ainda não receberam uma análise, ou que porventura possam ser elaborados novamente em acordo com os objetivos da pesquisa.

Marconi e Lakatos (2010) apresentam o universo da pesquisa documental utilizando três variáveis: fontes escritas ou não; fontes primárias ou secundárias; contemporâneas ou retrospectivas. Essa pesquisa enquadrou-se nas variáveis de contemporaneidade, de fonte não-escrita e secundária, uma vez que utilizou uma obra cinematográfica como objeto de estudo.

### **3.2 Amostra**

A obra cinematográfica que foi analisada é o filme “Orações para Bobby”. O filme lançado no ano de 2009, dirigido por Russell Mulcahy, é baseado no livro de mesmo nome do autor Leroy Aarons, publicado em 1995, e conta a história verídica de Bobby e Mary Griffith (interpretados pelos atores Ryan Kelley e Sigourney Weaver, respectivamente) que ocorreu na década de 1970, em Walnut Creek, Califórnia, EUA. Esse filme conta a história de Bobby, um rapaz que ao “descobrir” ser homossexual encontra intensas dificuldades em lidar com esta questão devido às atitudes preconceituosas de sua família, principalmente de sua mãe, em relação à homossexualidade (BARRETO; RIBEIRO, 2014).

### **3.3 Procedimentos para análise de dados**

A análise do filme foi de cunho qualitativo, uma vez que buscou-se identificar aspectos psicológicas disfuncionais no personagem principal, assim como identificar as variáveis ambientais aversivas relacionadas ao mesmo. Dessa forma, foi feita uma análise psicológica do personagem e de seu contexto psicossocial imediato, partindo do referencial teórico do modelo Cognitivo-Comportamental, com ênfase especial no modelo de Esquemas Iniciais Desadaptativos de Jeffrey Young.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 Descrição da obra analisada**

Vivenciando intensos conflitos pessoais por se perceber homossexual, Bobby resolve contar ao seu irmão mais velho sobre sua sexualidade e pede segredo, porém, seu irmão conta à família o que Bobby o revelara. A partir daí uma série de acontecimentos aversivos acometem a vida de Bobby. Seus pais acreditam que ele não é homossexual e que isso é apenas uma fase, sua mãe (Mary) diz que se ele se apegar a Deus, o mesmo poderá libertá-lo e curá-lo dessa doença. Além de pregar vários bilhetes com versículos bíblicos pela casa, Mary procura tratamentos terapêuticos e religiosos para o filho com a pretensão de alcançar a “cura de sua homossexualidade”. Devido a todas essas questões, Bobby então resolve sair de casa tentando

se afastar da intolerância da mãe, muda-se de cidade, entra em contato com um ambiente mais tolerante e chega a se relacionar com um rapaz, com quem tem um relacionamento bastante satisfatório. Mesmo assim, todas as palavras negativas ditas por sua mãe, as quais eram ideologias de sua religião, perpassam seus pensamentos constantemente e ele continua vivenciando sentimentos de que é doente e pecador.

Depois de algum tempo longe da família, Bobby resolve ligar para sua mãe para falar a respeito de si mesmo e da maneira como ela lida com sua homossexualidade. Nessa discussão Mary diz: “Eu não vou ter um filho gay!”. Essa é a última coisa que Bobby ouve antes de pular de um viaduto cometendo suicídio quando tinha 20 anos de idade. A família de Bobby fica devastada com sua morte, sua mãe, então, ao mexer em suas coisas encontra seu diário e lê: “Na minha família, já ouvi várias vezes eles falando que odeiam os gays, que Deus odeia os gays também. Isso realmente me apavora quando escuto minha família falando desse jeito, porque eles estão realmente falando de mim”. Ao entender sua influência na morte do filho, Mary repensa suas atitudes, concepções e dogmas religiosos acerca da homossexualidade, busca uma aproximação com uma igreja e com um grupo de pais que aceitam a homossexualidade e se torna alguém que defende a causa homossexual (BARRETO; RIBEIRO, 2014).

#### **4.2 Indícios de Esquemas Iniciais Desadaptativos no personagem Bobby**

Na primeira conversa sobre sua homossexualidade, na qual Bobby começa a se abrir com o irmão, primeiro ele dá o exemplo de como a mãe reagiria caso descobrisse que um dos filhos era psicopata, pode-se deduzir como ele compreende a homossexualidade como algo problemático e inaceitável, assemelhando-a à psicopatia, em seguida, ele fala a respeito do fato de a mãe desejar que todos eles ficassem reunidos após a morte e subentende-se que ele também compartilha desse desejo, em seguida indaga: “E se um de nós for pecador?”. Esse diálogo ilustra que desde o início Bobby apresenta um pensamento contrário à sua homossexualidade, vendo-a, assim como o restante de sua família, como pecado, sujeira, abominação e motivo de vergonha, condição que o leva se sentir indigno de amor de sua família e de Deus.

Estas vivências e percepções produzem sofrimento intenso em Bobby. Primeiramente, por ter tido uma formação protestante em sua família, seus próprios pensamentos o condenam e ele tenta se “livrar” da homossexualidade. Então, Bobby concorda em ir ao psiquiatra em busca de sua “cura”. Contudo, mesmo aceitando, as conversas em família e a ida ao psiquiatra são bastante aversivas para ele e fazem com que ele se sinta punido constantemente.

Em alguns momentos do filme Bobby fala a respeito de sua vergonha em relação à sua homossexualidade, por exemplo, em sua conversa com Mary ele fala a respeito do que sente quando David o acaricia, quando fica extremamente nervoso ao pensar que Ed, seu irmão, havia contado para os amigos que ele era gay, etc.

Young (2008) em sua teoria dos esquemas apresenta o esquema de Defectividade/Vergonha. Este esquema faz parte do Domínio de Desconexão e Rejeição, o qual é caracterizado por sujeitos que acreditam que suas necessidades de segurança, estabilidade, cuidado, amor e pertencimento não serão atendidas. As famílias de origem desses sujeitos podem apresentar características relacionadas à instabilidade, abuso, frieza, rejeição ou isolamento do mundo exterior.

O esquema de Defectividade/Vergonha envolve um sentimento pessoal de ser falho, ruim, inferior ou imprestável e de que não é digno de receber amor dos outros. Esse esquema envolve, ainda, uma sensação de vergonha em relação aos próprios defeitos percebidos. Young (2008) acrescenta que esse esquema pode ser relacionado a falhas privadas ou públicas e uma das exemplificações das falhas privadas são os desejos homossexuais considerados inaceitáveis por Bobby. A família de origem tem características preconceituosas frente à homossexualidade, isso pode ser exemplificado logo no início do filme quando Ed imita uma mulher no aniversário de sua avó, sua mãe o repreende dizendo que é nojento e sua avó diz: “Por mim os viados deveriam ser todos enfileirados e mortos”. Estas características demonstram o aspecto rejeitador e inflexível da família de Bobby, o que favorece o fato de o garoto se questionar quanto às suas características pessoais. Assim, todo um contexto familiar e social contribuiu para que Bobby desenvolvesse determinados pensamentos rejeitadores e conflituosos frente à própria homossexualidade. Vivendo em uma família sujeita aos preceitos religiosos, ele acabou enxergando essa questão de ser gay como um defeito e se envergonhando por ela.

Após a morte de Bobby, Mary lê algumas coisas em seu diário, onde ele diz o seguinte:

Estou afundando lentamente num vasto lago de areia movediça. Um poço sem fundo. Gostaria de poder rastejar para baixo de uma pedra e dormir para sempre. Ninguém me entende. Ninguém nesta casa consegue aceitar o meu lado da história. Posso sentir os olhos de Deus olhando para mim com pena. Não posso deixar ninguém descobrir que não sou hétero. Seria tão humilhante, os meus amigos iriam me odiar, a minha família. Já os ouvi demais. Disseram que odeiam os gays e que até Deus também os odeia, me assusta mesmo quando falam assim, porque agora estão falando de mim. Eu não quero escolher o pecado [...] Posso sentir os olhos de Deus me olhando com tanta pena, não pode me ajudar porque escolhi o pecado em vez da retidão (ORAÇÕES PARA BOBBY, 2009).

Esse trecho dos pensamentos de Bobby que são explicitados em seu diário demonstram sua percepção e seus sentimentos em relação à sua homossexualidade, ele sentia vergonha, indigno do amor e da ajuda de Deus e de sua família, além de sentir-se pressionado ao fato de não deixar que seus amigos descubram que ele é homossexual porque eles o odiariam por isso. Este exemplo também ilustra as características do esquema de Defectividade/Vergonha vivenciado pelo personagem Bobby.

Young (2008) explica que, na vivência de um esquema inicial desadaptativo, o indivíduo desenvolve estratégias de enfrentamento em relação ao mesmo, as quais são desempenhadas para amenizar o sofrimento provocado pelo esquema. Diante disto, no personagem Bobby pode-se verificar a resignação como estratégia de enfrentamento, uma vez que, ao perceber-se defectivo, pecador e inadequado, Bobby não refuta tais percepções e os sentimentos disfuncionais resultantes das mesmas, mas, ao contrário, as aceita como verdadeiras, o que o leva a considerar a opção de retirar a própria vida diante da impossibilidade de mudar o que, para ela, seria uma característica pessoal inaceitável.

No decorrer da história, Bobby não considera sua prática homossexual como correta. Quando vai embora de casa, Bobby se permite vivenciar sua sexualidade ao começar a namorar com David, a frequentar boates destinadas ao público homossexual e aparentemente aceita sua condição sexual. Porém, em vários momentos Bobby se relembra das acusações de sua mãe, o que o deixa transtornado e culpado. Algumas vezes ele até tenta considerar correta a maneira como vive, mas não consegue. Assim, Bobby se resigna ao seu esquema de Defectividade/Vergonha, ele aceita o fato de que está “vivendo errado”, de que é indigno de sua família e do amor de Deus, que não é bem quisto e que não estará junto com sua família após a morte.

### **4.3 Variáveis ambientais aversivas**

O ambiente familiar de Bobby pode ser considerado a primeira variável ambiental aversiva que acomete sua vida no que tange à aceitação de sua homossexualidade. Embora muito afetiva, por ser adepta e praticante da religião protestante, sua família apregoa pensamentos referentes a homossexualidade concretizados através de versículos bíblicos, os quais sua mãe cita em vários momentos, tanto para o próprio Bobby quanto para questionar o Reverendo Whitsell sobre sua postura referente à homossexualidade após a morte de Bobby. Tais versículos já foram apresentados no referencial teórico desse trabalho e serão retomados para essa discussão.

A maneira com que Mary lida com a homossexualidade do filho envolve comportamentos ligados aos princípios religiosos, os quais são explicitados por seu discurso com Bobby envolvendo versículos bíblicos e também pelo fato de que ela escreve vários versículos em papéis e cola nas paredes e móveis da casa. No momento em que Ed conta que Bobby havia lhe falado que achava que era homossexual, as primeiras coisas que Mary diz são: “Ele não é; Não tenho dúvidas que Deus pode resolver isso; Ele vai nos ajudar, ele vai curar o Bobby.” Através dessa primeira fala, já se pode observar que Mary baseará seus pensamentos, comportamentos e conceitos acerca da forma como tratará o fato de o filho ser homossexual.

Dessa forma Mary prossegue, chega em casa e fala com seu esposo sobre o que Ed contara, afirma que não podem pecar permitindo que Bobby continue com isso e que não quer arriscar a permanência de sua família unida na próxima vida. Nesse momento, embasa suas palavras no versículo bíblico de Levítico 20: 13 “...se um homem se deitar com outro homem, devem ser ambos mortos.”. Em seguida, no primeiro confronto entre Bobby e a família a respeito de sua homossexualidade, sua mãe deixa claro que não vai aceitar tal situação e que lutará com todas as forças para impedir que Bobby viva em pecado, como um homossexual.

A partir das proposições acima pode-se entender quão aversivo foi o ambiente familiar de Bobby frente à sua homossexualidade. A atitude de sua família, assim como a própria atitude de Bobby resultante de sua formação religiosa, tiveram a função de eliciar em Bobby pensamentos de rejeição, vergonha, baixa autoestima, não-merecimento do amor de sua família e de Deus. Dessa forma, seu ambiente familiar pode ser considerado uma variável ambiental aversiva.

Até mesmo em sua morte os preceitos religiosos da família de Bobby falaram mais alto. Em seu velório, realizado na igreja em que sua família frequenta, o pastor apresenta o seguinte discurso:

Bobby era um bom jovem, mas estava perdido, deixando-se cair na tentação ele escorregou, então, desiludido, resolveu acabar com sua vida. Apesar de sabermos que devemos condenar o pecado, não o pecador, foi a este pecado que Bobby sucumbiu, isso o conduziu a infelicidade e a acabar com a sua própria vida. Tal como a bondade alimenta a bondade, também o pecado alimenta o pecado (ORAÇÕES PARA BOBBY, 2009).

Após Mary se juntar ao grupo de pais apoiadores de filhos homossexuais, em uma cena do filme ela demonstra sua percepção frente à morte do filho, suas palavras são as seguintes:

Quando ele disse que era homossexual, meu mundo caiu. Eu fiz tudo que pude para curá-lo de sua doença. Há oito meses, meu filho pulou de uma ponte e se matou. Eu me arrependo amargamente da minha falta de conhecimento sobre gays e lésbicas.

Percebo que tudo que me ensinaram e disseram era odioso e desumano. Se eu tivesse investigado além do que me disseram, se eu tivesse simplesmente ouvido meu filho quando ele abriu o coração pra mim... Eu não estaria aqui hoje, com vocês, plenamente arrependida. (...) Eu não sabia que, cada vez que eu repetia ‘condenação eterna aos gays’, cada vez que eu me referia ao Bobby como doente, pervertido e perigoso às nossas crianças, sua autoestima e seu valor próprio estavam sendo destruídos. (...) A morte de Bobby foi resultado direto da ignorância e do medo de seus pais quanto à palavra ‘gay’! (ORAÇÕES PARA BOBBY, 2009).

Pela citação acima, Mary assume as características aversivas do contexto familiar e religioso de Bobby. A mãe admite a contribuição que ela e toda a família tiveram na não aceitação da homossexualidade do filho, o que culminou com o suicídio de Bobby e considera que todo o aprendizado passado por eles ao filho produziu nele a ideia de que era defeituoso e indigno com relação à sua sexualidade. O desenvolvimento do esquema de Defectividade/Vergonha predominante em Bobby pode ter sido, assim, resultado de suas vivências familiares desde a infância, das aprendizagens religiosas e das condições aversivas às quais ele foi submetido após assumir ser homossexual.

No referencial teórico desse trabalho apresenta-se as tabelas II e III nas quais estão especificados alguns versículos bíblicos que remetem à temática da homossexualidade. Alguns desses mesmos versículos são apresentados por Mary no decorrer do filme para explicar a sua intolerância à homossexualidade. Vale ressaltar que nem todos os versículos trazidos nesse trabalho apresentam uma condenação direta à homossexualidade, sendo apenas dois que o fazem no Velho Testamento bíblico: Levítico 18:22 “Com o homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é”; Levítico 20:13 “Quando também um homem se deitar com outro homem, como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue será sobre eles”. No Novo Testamento foi encontrado apenas um versículo com colocação direta contra a homossexualidade em I Coríntios 6:9-10 “Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas<sup>1</sup>, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus”.

Analisando esses três versículos apresentados acima pode-se entender que a família de Bobby tendo como modo de viver a religião protestante, na qual a Bíblia é considerada verdade absoluta, tem esses versículos como crenças centrais em suas vidas.

---

<sup>1</sup> Foucault (2003 *apud* TREVISAN, 2002) fala a respeito do fato de que a noção de identidade homossexual é, necessariamente uma formação moderna, já que antes disso, para as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo, não havia categorias de identificação correspondente. O ato até o fim do século XIX era denominado *sodomia* ou *pecado nefando* e o praticante da ação *sodomita* – termos vinculados, obviamente, ao discurso religioso.

Deyoung<sup>2</sup> (1977) afirma que conversar sobre homossexualidade no meio cristão não é problema, mas que a igreja não deve sucumbir a essa conversa, pois tal levaria o comportamento sexual a ser aceitável e que a tolerância nesse sentido poderia soar como “fazemos concessões”, dessa forma, se a igreja discutisse sobre o assunto com constância poderia chegar a hipotetizar que a homossexualidade não é um pecado grave e que a igreja está errada em assim considerá-la. O autor ainda diz que se o assunto fosse racismo ou tráfico de seres humanos, ninguém proporia uma “conversa” a respeito, o que mostra o tipo de comportamento que tende a ser associado com a homossexualidade no meio protestante.

Levando em consideração que a posição de Deyoung (1977) pode ser equiparada a de vários outros pastores, abaixo apresentar-se-á o trecho com o qual ele termina um dos capítulos do seu livro:

Não podemos considerar o comportamento homossexual como uma questão indiferente. É claro que a homossexualidade não é o único pecado do mundo, nem é o pecado mais crítico a ser abordado em muitos contextos de igreja. Mas, se I Coríntios está certo, não é exagero dizer que solenizar comportamento homossexual – assim como apoiar qualquer forma de imoralidade sexual – incorre no risco de conduzir pessoas para o inferno. A Escritura nos adverte frequentemente – nos termos mais severos – contra acharmos nossa sexualidade à parte de Cristo e contra seguirmos uma prática sexual incoerente com nossa posição em Cristo. (...) Quando toleramos a doutrina que aprova o comportamento homossexual, estamos tolerando uma doutrina que leva pessoas para longe de Deus. (...) O ensino bíblico é consistente e inequívoco: a atividade homossexual não é a vontade de Deus para o seu povo. (...) A Bíblia diz mais do que o suficiente sobre a prática homossexual, para que nós também digamos algo (DEYOUNG, 1977, p. 96-97).

As falas desse pastor demonstram como os conceitos contra a homossexualidade são arraigados no contexto protestante. Tais conceitos, conseqüentemente, tendem a balizar ações problemáticas para com o homossexual, como ações de exclusão e condenação, as quais foram evidenciadas na família de Bobby.

Assim, no que tange ao conceito de esquemas, Beck (1976) faz referência a uma rede estruturada e inter-relacionada de crenças que orientam o indivíduo em suas atitudes e posturas nos mais variados eventos de sua vida. A partir desse pressuposto pode-se entender que tanto a família de Bobby quanto ele próprio levam os ensinamentos bíblicos como uma regra rígida, como um esquema que orienta a maneira como eles devem pensar e se comportar. Dessa forma,

---

<sup>2</sup> Pastor da *University Reformed Church* em *East Lansing, Michigan*. Obteve sua graduação pelo *Hope College* e seu mestrado em teologia pelo *Gordon-Conwell Theological Seminary*, é preletor em conferências teológicas e autor de vários livros.

torna-se compreensível como eles pensam a respeito da homossexualidade, uma vez que, os versículos apresentados, que são base das crenças dessa família, condenam direta ou indiretamente a homossexualidade. Em Levítico torna-se explícita a ideia de que se um homem se deitar com outro, como uma mulher, ambos devem morrer, na primeira carta de Paulo aos Coríntios diz-se que os efeminados e sodomitas não herdarão o Reino dos céus, além do fato de serem colocados no mesmo patamar de ladrões e adúlteros.

O objetivo de mostrar esses versículos foi o fato de demonstrar que a crença neles foi fundamental na elaboração dos pensamentos de Bobby e sua família frente à homossexualidade, explicitando assim a contribuição da religião protestante na elaboração do esquema de Defectividade/Vergonha em Bobby e no preconceito de sua família. Ao longo de todo o filme pode-se observar que a religião era a base norteadora dos esquemas da família de Bobby, de modo que as concepções religiosas contrárias à homossexualidade eram compartilhadas por todos os membros da família, inclusive por Bobby.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O filme “Orações para Bobby” relata um caso norte-americano, mas pode-se identificar essas mesmas questões em diferentes contextos e culturas, inclusive no contexto brasileiro. A Psicologia apresenta uma determinada postura frente à homossexualidade, a qual é demonstrada pelo Conselho Federal de Psicologia na Resolução do CFP N° 001/99 de 22 de março de 1999 que apresenta, de maneira sucinta, que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão. Não obstante, há na sociedade uma inquietação em torno de práticas sexuais consideradas desviantes da norma estabelecida socioculturalmente. Dessa forma, a Psicologia pode e deve atuar com seu conhecimento no sentido de prestar esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações, ou seja, o CFP atua em contraposição às ideias religiosas apresentadas nesse trabalho.

Dessa forma pode-se identificar no personagem Bobby a prevalência do Esquema Inicial Desadaptativo de Defectividade/Vergonha. Tendo como base toda a definição de esquemas arraigadas às ideias dos autores precursores dessa temática, pode-se entender que as vivências familiares de Bobby podem ter contribuído significativamente para o desenvolvimento desse EID.

Por meio deste estudo, foi possível compreender como aconteceu a formação do EID de Defectividade/Vergonha no personagem Bobby, a partir de toda uma análise de versículos e a apresentação dos mesmos, principalmente pela mãe de Bobby. Neste contexto, observou-se que

os preceitos da religião protestante foram fundamentais para a formação das crenças de toda essa família em relação à homossexualidade e que as variáveis aversivas de rejeição, demanda de mudança obrigatória de comportamento e falta de aceitação contribuíram para a formação do EID e o suicídio de Bobby.

Conclui-se esse trabalho utilizando dois trechos de falas de personagens do filme. No velório de Bobby o pastor diz que: “Bobby pecou e foi a esse pecado que ele sucumbiu, levando-o a tirar sua própria vida”, depois em seu discurso final Mary diz: “A morte de Bobby foi resultado direto da ignorância e do medo de seus pais quanto à palavra ‘gay’!”. Essas duas falas trazem duas interpretações para a morte de Bobby: uma que o condena como pecador e outra, que coloca sua história em um contexto de incompreensão e não-aceitação, sendo estes, fatores relacionados aos seus conflitos pessoais e à decisão de tirar a própria vida. Levando isso em consideração, podem-se destacar que na ocasião do velório de Bobby o pensamento de Mary era o mesmo que o do pastor e que, passado algum tempo, ela mudou sua interpretação da situação.

Toda a crença em relação aos homossexuais que Mary tinha foi derrubada com a vivência do sofrimento de perder seu filho. Dessa forma, ela entendeu que Bobby não sucumbiu ao pecado como o pastor disse, mas ele sucumbiu às crenças instituídas pela sua família que direcionavam suas atitudes e comportamentos frente ao fato de ser homossexual e às vivências aversivas às quais fora acometido após assumir-se gay para sua família.

Histórias como a de Bobby existem em diversos contextos e culturas, a dele terminou da pior maneira possível, com sua morte e sua mãe necessitou disso para entender qual era a maneira correta de lidar com a situação de seu filho. Vale ressaltar que esta é uma história real que contribuiu muito para a luta pelo direito dos homossexuais, auxiliou diversas famílias que passaram pelo mesmo que a família de Bobby. Apesar desse “legado”, Bobby não fora capaz de lutar contra tais crenças e modificar tudo aquilo que ele tinha em seus pensamentos quando morreu, como uma visão inferiorizada de si, de vergonha, de defeitos e de indignidade do amor de Deus e de sua família.

A Psicologia através de suas diversas formas de intervenção pode e deve contribuir para que um homossexual seja aceito e respeitado em sua dignidade, intervindo para que o contexto no qual este vive não produza efeitos deletérios graves no indivíduo, como ocorre quando há a formação de um esquema desadaptativo. Nesse sentido, o CFP traz como diretrizes que a ação dos psicólogos com relação aos homossexuais deve ser compreensiva, protetora e de plena aceitação, promovendo a conscientização e esclarecimento geral da população a respeito da não patologização da homossexualidade e não discriminação dos homossexuais.

Este trabalho não abarca toda a complexidade deste tema, tão pouco é capaz de estabelecer uma relação de causa e efeito entre as variáveis homossexualidade e religião protestante. Contudo, sendo a história de Bobby um caso verídico, vale a pena que profissionais da área da psicologia atentem-se para ocasiões nas quais a relação entre as supracitadas variáveis ocorrem de forma disfuncional, para que se possa intervir a favor da manutenção dos direitos, saúde e bem-estar da pessoa homossexual. Cabe ressaltar ainda que a proposta do esquema de Defectividade/Vergonha no personagem Bobby trata-se apenas de uma hipótese, já que a obra cinematográfica analisada apresenta um recorte muito pequeno da vida do personagem, o qual, obviamente, é muito mais complexo do que pretendeu-se abordar aqui.

Sabe-se que há muito o que evoluirmos enquanto sociedade quanto à aceitação da homossexualidade como uma forma de expressão e de vivência natural do ser humano e a Psicologia tem o potencial de encabeçar discussões e ações rumo a este processo. Portanto, sugere-se que se desenvolvam mais pesquisas abordando diversas questões relacionadas à relação entre homossexualidade, a sociedade atual e às variáveis psicológicas dos homossexuais.

**ABSTRACT:** The objective of this article is to accomplish a theoretical analysis of the movie "Prayers for Bobby" in order to verify whether the religious beliefs and behavior Bobby character's family may have contributed to the development of Early Maladaptive Schemas on the character and his subsequent suicide. Through construction of a theoretical framework that took into account homosexuality, religion and Early Maladaptive Schemas in which the parameters of these topics have been described and documentary research with qualitative approach, having the cinematographic work "Prayers for Bobby" as object of analysis. From the analysis of expressed reports by Bobby and his family, it was identified Early Maladaptive Schemas of Defectiveness/Shame on the character, which can be illustrated when it reports feeling ashamed of being gay and when shows feel unworthy of love of God and his family. It was verified that the family environment and the way Bobby's family, particularly his mother, dealt with the fact of the son being gay were aversive environmental variables that could be related to the development of the scheme found in the young and his subsequent suicide. Thus, one can see that both the Defectiveness/Shame this scheme on Bobby as aversive environmental experiences to which he was involved directly influenced in his suicide.

**Keywords:** Schema. Homosexuality. Religion.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. B.; PICCOLOTO, N. M.; WAINER, R. **Desafios clínicos em terapia cognitivo-comportamental**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

- BARRETO, W.; RIBEIRO, M. R. **Homossexualidade, Coerção e Homofobia em “Orações para Bobby”**. In: FARIAS, A. K. C. R.; RIBEIRO, M. R. (Orgs.). *Skinner vai ao cinema (Volume 2)*. 1. ed. Brasília: Instituto Walden4, 2014. P. 90-110.
- BECK, A. T. **Terapia Cognitiva e Desordens Emocionais**. New York: International Universities Press. 1976.
- CAPONI, S. Da herança à localização cerebral: sobre o determinismo biológico de condutas indesejadas. **Physis**, Rio de Janeiro, v.17, n. 2, 2007.
- COLLINS, G. R. **Aconselhamento Cristão**. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução 001/99 de 22 de março de 1999.
- DEYOUNG, K. **O que a Bíblia ensina sobre a homossexualidade**. São José dos Campos: Fiel, 2015.
- DUARTE, A. L. C.; KRISTENSEN, C. H.; NUNES, M. L. T. Esquemas desadaptativos: revisão sistemática qualitativa. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2008.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3.ed. São Paulo, Positivo, 2004.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- JURKEWICZ, R. S. Cristianismo e homossexualidade. In GROSSI M. P. et al. (Orgs.), **Movimentos sociais, educação e sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. P. 45-52.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, Marina de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- LEGUIZAMÓN, F. G. Protestantes, evangélicos y pentecostales: aclaraciones conceptuales preliminares en un campo de investigación social. **Folios**, n. 36, p. 171-187, 2012.
- LIMA, A. C. R.; LOPES, E. J.; LOPES, R. F. F. Contribuições Kantianas ao modelo cognitivo de Beck. **Perspectivas em Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 03-20, Jan/jun/2015.
- LOPES, E. J.; LOPES, R. F. F.; LOBATO, G. R. Algumas considerações sobre o uso do diagnóstico classificatório nas abordagens comportamental, cognitiva e sistêmica. **Psicologia em Estudo**, 11, p. 45-54, 2006.
- LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 07-34.
- MAGALHÃES, J. C.; RIBEIRO, P. R. C. Para além de um corpo transparente: investigando métodos e estratégias de esquadrihar o sujeito homossexual. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.22, n.2, abr.-jun. 2015. P.461-481.

MAZZIEIRO, J. B. Sexualidade criminalizada: Prostituição, lenocídio e outros delitos. **Revista Brasileira de História**, 18, p. 247-285. São Paulo, 1998.

MENEZES, A. B. de C. **Análise da investigação dos determinantes do comportamento homossexual humano**. 2005. 340 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2005.

MESQUITA, D. T.; PERUCCHI, J. Não apenas em nome de Deus: discursos religiosos sobre homossexualidade. **Psicologia & Sociedade**, v. 28 n. 1, 105-114. 2016.

ORAÇÕES para Bobby. Direção: Russel Mulcahy: Telefilme, 2009.

PEREIRA, A. dos S. L. S. **Representações Sociais do Homossexualismo e Preconceito contra Homossexuais**. 2004. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

PEREIRA, D. R. S.; SANTOS, J. B. O papel das religiões enquanto instâncias reguladoras das sexualidades alternativas: caso da homofobia e violência. **Scientia Plena**, 5(11), 1-8, 2009.

PERES, A. J. de S. **Esquemas cognitivos e crenças mal-adaptativas da personalidade: elaboração de um instrumento de avaliação**. 2008. 94 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de Brasília. Brasília, 2008

QUEIROZ, A. C. **Politicamente correto e direitos humanos: pesquisa e texto**. Brasília, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

SILVA, C. N. **As ações assistenciais promovidas pelas igrejas pentecostais no Município de Londrina (1970 – 1990)**. 181 p. Assis. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de História, Universidade Estadual Paulista, 2008.

SILVA, C. N.; LANZA, F. **Manifestações religiosas de jovens na contemporaneidade: análise a partir de uma perspectiva sócio-histórica**. Londrina, 2009.

SOUSA FILHO, A. de. Teorias sobre a gênese da homossexualidade: ideologia, preconceito e fraude. In: JUNQUEIRA, R. D. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco. p. 95-124. 2009.

TEIXEIRA, D. C. A. **Esquemas Iniciais Desadaptativos e ajustamento psicológico em crianças e adolescentes**. 2010. 76 p. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) Universidade de Lisboa, Lisboa. 2010.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

YOUNG, J. E.; KLOSKO, J. S.; WEISHAAR, M. E. **Terapia do Esquema Guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

YOUNG, J. E. . **Terapia Cognitiva para transtornos da personalidade: uma abordagem focada em esquemas**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.